25 de abril, sempre!

Dizem que o vinte e cinco é o número da revolução, da liberdade, da independência. Dizem que, antes, não se conhecia o significado destas palavras, pois eram ensombradas por outras que faziam soar mais poderosas e intimidadoras: limitação, restrição, dominação, submissão, controle, obediência, servidão. Dizem que houve um momento em que tudo mudou: a guerra colonial terminou com o reconhecimento da independência das colónias portuguesas de África, os exilados pelo regime salazarista puderam voltar, foi aprovada a nova Constituição Portuguesa, Portugal inicia o processo de entrada para a Comunidade Económica Europeia, … ou seja, Portugal libertou-se do Estado Novo! Ah! Aquela terrível ditadura que António de Oliveira Salazar instituiu na "Ocidental praia Lusitana", neste cantinho à beira mar plantado, foi-se.

A partir dessa data, valores como a tolerância, a igualdade, a liberdade, a justiça, o respeito pelo próximo e a integridade passaram a ser mais falados e tornaram-se mais importantes, substituindo a censura, a discriminação, o medo, a injustiça, a negação, a subjugação, a opressão …

Esse foi o momento em que o povo lusitano, cansado da humilhação, da subserviência, da guerra e do controlo, juntou-se aos jovens militares que já se encontravam nas ruas, com tanques e carros blindados para fazerem "xeque-mate" ao regime salazarista. Os soldados começaram a ocupar posições no Terreiro do Paço e abriram caminho até ao Largo do Carmo, onde se refugiara Marcello Caetano, sucessor de Salazar. Entretanto, este acabou por se render entregando todo o seu poder a António Spínola.

Com o vinte e cinco de abril, chegou a festa e a vitória. Afinal, uma democracia havia substituído uma ditadura. E a verdade é que, nestes anos todos, depois daquela gloriosa data, o mundo mudou e, com os tempos, mudaram as vontades de muitos, para melhor! No entanto, parece que ultimamente, vários episódios nos deixam alerta e tentam acrescentar enganos às esperanças do povo que fez Abril.

Hoje, a realidade, por vezes é tão dura que, como nos tempos do fascismo, não podemos ignorar o que se está a passar à nossa volta. Onde já se viu um povo tão heroico, virtuoso, magnífico e ilustre, voltar a cometer os mesmos erros que cometeu em tempos? Não nos podemos deixar cair de novo. Não nos podemos deixar levar pelas mesmas falhas, os mesmos descuidos. Não podemos esquecer a valerosa lição que os nossos antepassados nos deixaram com o vinte e cinco de abril. E, por isso, o povo deve estar atento, vigilante. Não pode esmorecer, não se pode cansar de lutar, nem de ter a coragem necessária para enfrentar quaisquer desafios que eclodam. Temos de continuar a cantar Abril, a cantar a Liberdade, a cantar que "o povo é quem mais ordena". Porque, só quem viveu antes desta revolução é que sabe o que passou; sabe o que é sentir dor, sentir-se oprimido e

preso. Este é um ligeiro fardo, que temos de carregar por aqueles que carregaram um muito maior, ambos em prol deste bem maior: o de libertar as gerações futuras de serem censuradas, controladas e oprimidas. Mas, para isso, também temos de contribuir, relembrando este feito incrível e protegendo os valores que com ele aprendemos, a todo o custo, de possíveis ameaças que apareçam, pois, o futuro pede novos desafios todos os dias e, para os enfrentar, precisaremos de união, caráter e exemplo como fizeram a geração dos que, em 1974, estiveram na linha da frente.

Graças a essa união, somos um País melhor. Graças aos nossos antepassados, somos uma Nação melhor. Graças ao vinte e cinco de abril, conquistamos valores pelos quais vale a pena viver. Um dia de revolta que tem somado dias e dias de vitórias até hoje... Esta revolução abriu-nos o caminho da Liberdade! Para que possamos continuar a percorrê-lo é imprescindível o respeito pelas liberdades públicas e pelos direitos cívicos! Que nunca permitamos que seja de outra forma!

25 de abril, sempre!

Rafael Costa, 9B

25 de Abril de 1974

25 de Abril de 1974, o dia que mudou a vida dos portugueses e lhes devolveu a liberdade após quarenta e oito anos de submissão à ditadura salazarista, um tempo de escuridão, de terríveis silenciamentos e de profundas humilhações, uma época em que a sociedade portuguesa era comandada pela trilogia fascista: “Deus, Pátria e Família”.

Desde pequena, tal como muitos de nós que têm familiares que vivenciaram este dia, ouço histórias contadas pelos meus avós sobre o que se vivia naquela altura. O meu avô fala-me da inconstância e inquietação que é viver longe de casa durante uma revolução tão importante como a que celebramos, uma vez que foi destacado para defender as colónias Portuguesas na Guerra do Ultrama,r deixando no continente a sua esposa que estava grávida.

Foi neste dia, 25 de Abril de 1974, que se redefiniram as linhas da liberdade.

A assistência médica passou a estar acessível a todos, foi ampliado o período da licença de maternidade e foram criadas consultas de planeamento familiar.

A educação foi democratizada e as mulheres tiveram acesso ao ensino superior, às carreiras de magistratura judicial e do ministério público.

Os Portugueses começaram a falar livremente e a manifestar as suas opiniões publicamente sem medo de serem perseguidos.

Portugal fixou uma remuneração salarial mínima que vai subindo ao longo do tempo. Os trabalhadores passaram a ter direito a subsídios suplementares de férias e alimentação.

Foram estipuladas horas de trabalho semanais e os trabalhadores passaram a ter direito a greves e à criação de sindicatos.
O casamento católico passou a poder ser anulado pelo divórcio civil e foram abolidas todas as restrições sexistas que incapacitavam as mulheres de votar.
Quase 50 anos após uma das revoluções mais importantes da história portuguesa, há quem considere o 25 de abril um projeto inacabado e a liberdade uma luta contemporânea que todos devemos trabalhar para alcançar.
Ergamos, portugueses, os cravos vermelhos, que simbolizam a ausência de derramamento de sangue, em honra ao nosso país e àqueles que lutaram por ele.
"25 de Abril sempre, fascismo nunca mais"

Bia Garcia, 9ºB1

Viva a Liberdade!
Abril, sempre!

O 25 de Abril é uma data bastante importante e que deve ser relembrada para sempre. Este dia deu a liberdade a Portugal e aos portugueses e, no entanto, parece que, ultimamente, os seus valores têm vindo a sofrer alguns atropelos.
O Movimento das Forças Armadas liderou esta revolução com grande parte do povo, tendo a reação do regime vigente sido praticamente inexistente. Segundo relatos, houve poucos mortos e feridos por isso foi uma revolução pacífica em relação às de outros países e outros momentos da nossa história. Todos sabemos como as revoluções podem causar mortes e feridos inocentes às centenas, para além de deixarem os países intervenientes de rastos, a nível político, social e económico. A revolução que derrubou o regime de António de Oliveira Salazar, um dos nomes mais marcantes da história de Portugal, teve início de madrugada e as músicas que marcaram o início dessa revolução foram canções de Zeca Afonso e Paulo de Carvalho que passaram nas rádios portuguesas algumas horas antes do acontecido. Como sabemos, a reação do regime foi lenta e muito pouco eficaz visto que foi derrubado. Alguns dos orgãos deste regime como, por exemplo, Marcelo Caetano, o presidente do Conselho de Ministros, refugiou-se no Quartel do Carmo. Só isto, por si, mostrava que o governo não iria oferecer muita resistência. Depois, os militares começaram a ganhar espaço, a população foi-se juntando aos militares e o que seria um golpe de estado passou a ser uma revolução. A certa altura, uma vendedora de flores começou a destribuir cravos, alguns civis colocaram-no ao peito, mas muitos soldados colocaram a flor que a vendedora lhes havia oferecido no cabo da espingarda que carregavam e, por isso, esta

revolução ficou conhecida como revolução dos cravos. De certeza que os mais velhos saberão esta história melhor do que eu e os mais novos, como eu, já a terão ouvido aos avós ou pais numa qualquer reunião de família. Mas regressando ao célebre dia 25 de abril, ao final da tarde, Marcelo Caetano rendeu-se e entregou o poder ao general Spínola que embora não pertencesse ao Movimento das Forças Armadas não pensava da mesma maneira que o governo acerca das colónias e, finalmente, um ano depois a população portuguesa votou pela primeira vez em liberdade desde há muitas décadas. Depois deste dia tudo mudou: a política, a economia, a sociedade... Com o 25 de abril de 1974 a população começou a poder gozar férias e a descansar , os direitos e os deveres dos homens e das mulheres foram sendo igualados, a educação evoluiu sem constrangimentos nem assuntos proibidos ou livros sancionados... na saúde, surgiu o Serviço Nacional de Saúde que disponibiliza assistência médica para toda a gente, o vestuário das pessoas mudou, passou a ser mais diversificado e a obedecer ao estilo de cada um, a forma como a religião era vivida evoluiu tal como os fiéis e os padres que acompanharam essas mudanças. E é por causa destas pessoas que lutaram, algumas perdaram a vida, que hoje vivemos em liberdade! Atrevo-me a dizer que a liberdade é, talvez, dos bens mais preciosos que o ser humano pode ter, por isso, devemos sempre lembrar este dia que mudou completamente Portugal e as gentes deste país! Se nos deixaram este fantástico legado, cabe-nos a nós, jovens, fazer de tudo para honrarmos esta dádiva e nunca permitirmos que ela nos seja roubada!
Como diz a canção:
“Somos um povo que cerra fileiras,
parte à conquista
do pão e da paz.
Somos livres, somos livres,
não voltaremos atrás.

Uma gaivota voava, voava,
asas de vento,
coração de mar.
Como ela, somos livres,
somos livres de voar.”

Viva a liberdade!
Abril, sempre!

Rui Paiva, 9ºB

25 de Abril

O “25 de Abril” marcou um tempo novo, permitindo que Portugal florescesse, rompeu com o “status quo” que permitiu novas oportunidades para um novo equilíbrio.
A liberdade do “25 de Abril” era a de viver dignamente, com saúde para toda a gente, educação para todas as crianças e a de tomar nas mãos o destino das nossas vidas.
A liberdade de romper com praticamente meio século de fascismo que nos havia levado, até à década de 1970, com aproximadamente metade da população a viver na pobreza, sem uma habitação decente e inúmeras pessoas sem saber ler nem escrever. No trabalho, as mulheres ganhavam menos cerca de 40% que os homens; a mulher não podia viajar para o estrangeiro sem autorização do marido; o aborto era punido em qualquer circunstância. Além disso, a pensão paga aos trabalhadores rurais era muito baixa e com diferenciação entre mulheres e homens.
Com a Revolução procurou-se melhorar as condições de vida e de trabalho da população e mitigar as desigualdades e barreiras à liberdade. Apesar de ainda haver um longo caminho a percorrer no que diz respeito à desigualdade de género, o “25 de Abril” trouxe consigo algumas mudanças para as mulheres, sociais e familiares- o acesso à licença de maternidade, o direito ao voto, a possibilidade de exercerem um cargo político, diplomático ou na magistratura, de se poderem divorciar, de terem os mesmos direitos na educação dos filhos, de se poderem casar com quem queriam, de poderem trabalhar sem autorização do marido.
Por fim, as pessoas conquistaram o direito à liberdade de expressão, já não precisavam temer serem perseguidos pela PIDE, podiam exprimir-se e divulgar livremente, sem impedimentos, o seu pensamento, ou seja, as suas ideias, críticas, pontos de vista e convicções.
O “25 de Abril” foi um marco de viragem na nossa história, mas a história é aquela que continuamos a escrever todos os dias, lutando diariamente por uma sociedade melhor, para nós e para aqueles que lhe derem continuidade. A liberdade a sério só existirá quando todos formos livres para existir, sem pedir licença, e viver uma vida sem distinção de género.
É importante rever o passado para dar valor ao presente e lutar constantemente por um futuro melhor, mais igualitário, mais democrático e respeitador da liberdade de pensamento.

Mariana Pinheiro, nº 13, 9ºA1

Portugal, um país fechado

Portugal, um país onde a opinião do povo não era ouvida, não era importante e muito menos podia ser expressa livremente. Em 1974 erámos como muitos outros, um país com um regime ditatorial chefiado por António de Oliveira Salazar. Embora afirmasse que o seu regime pretendia restabelecer a ordem e a estabilidade nacional, o que é certo é que também retirou a liberdade do povo português.

Portugal, antes do Estado Novo, era um país bastante atrasado comparativamente a outros, como Espanha. A sociedade portuguesa em 1926 era pobre e pouco instruída, vivia maioritariamente do setor primário e secundário e a sua expectativa de vida rondava os 35/40 anos. Possuíamos uma das mais elevadas taxas de fecundidade da Europa mas a mortalidade infantil era muito elevada. A educação não era uma prioridade, tínhamos uma das mais elevadas taxas de analfabetização da Europa principalmente entre as mulheres, apenas uma em cada quatro sabiam ler. As condições da população eram miseráveis e poucos tinham acesso à rede de esgotos.

Salazar quando ocupou o cargo de ministro impôs políticas de redução de gastos, redução de investimentos em diversas áreas, como a educação e a saúde e aumentou os impostos. Como estas medidas mostraram melhorias no país, Salazar foi nomeado a presidente do Conselho de Ministros. Num regime ditatorial, o povo não se podia opor ao governo nem dar a sua opinião pois eram silenciados pela polícia da altura, a PIDE- Polícia Internacional e de Defesa do Estado. Muitos eram presos, outros exilados para o estrangeiro e alguns até assassinados. Muitos que foram presos não foram encontrados depois da revolução de abril pois, segundo relatos de pessoas que vivenciaram esta ditadura, no Tarrafal, aqueles que não fizessem o que os superiores mandassem eram castigados. Amarravam-lhes pedras ao pescoço e atiravam-nos ao mar. Segundo relatos, Salazar, em 1960, enviou tropas para África a fim de defender as colónias portuguesas onde morreram aproximadamente 10 mil tropas portuguesas. Morreram devido á teimosia de Salazar, pois após a revolução as terras foram entregues aos povos nativos. Algumas figuras que se destacaram na oposição contra o Estado Novo nessa altura foram José Afonso também conhecido por Zeca Afonso, um compositor e cantor português que compôs músicas contra o regime do Estado Novo como “Grândola Vila Morena”.

No dia 25 de abril de 1974 deu-se a Revolução dos Cravos, uma revolução rápida e pacífica. Nesta época realizavam-se guerras contra países colonizados na África, nos quais as forças armadas portuguesas foram forçadas a combater, gerando insatisfação também nessa parcela da

sociedade. Após a revolução, as liberdades civis foram retomadas e outros direitos conquistados, como o de votar. Os países africanos passaram por processos de independência e uma nova Constituição entrou em vigor em Portugal.
Portugal desde 1974 até hoje desenvolveu bastante em termos políticos, económicos e sociais, mas as ideologias presentes em alguns partidos atuais portugueses começam a assustar-nos um pouco pois assemelham-se às ideologias de uma ditadura.
Portugal após estes anos todos voltará a uma ditadura? Não podemos permitir que tal aconteça! 25 de abril, SEMPRE!

Tatiana Pinto, 9B

25 de Abril

O 25 de abril de 1974 é uma data histórica em Portugal. Foi nesse dia que se deu o fim de um regime ditatorial que governava o país há quase 50 anos.

A "Revolução dos Cravos", como ficou conhecida, começou com um golpe militar que foi liderado por um grupo de militares de baixa patente, insatisfeitos com a situação política e social de Portugal.

O movimento assumiu proporções maiores e ganhou o apoio do povo português, que saiu às ruas para apoiar a revolução. O clima era de festa e alegria, muitas pessoas distribuíram cravos aos militares como símbolo de paz e de união.

Com o fim do regime autoritário de Salazar, Portugal passou por uma fase de reorganização política e democrática. Novas eleições foram realizadas e uma nova Constituição foi elaborada. A liberdade de expressão e de imprensa foram garantidas e sindicatos e partidos políticos de oposição foram legalizados.

Apesar das dificuldades enfrentadas nos primeiros anos após a Revolução, a população portuguesa conseguiu superar os desafios e consolidar a democracia no país. Portugal é hoje um exemplo de um país livre e democrático.

Esta data é uma data histórica em Portugal, pois marca o fim da ditadura salazarista e a conquista de várias liberdades e direitos. Alguns dos direitos recuperados incluem: liberdade de expressão e de imprensa, liberdade religiosa, direito à greve e à manifestação pacífica, direito à organização sindical, direito ao divórcio, igualdade de direitos para homens e mulheres, direito à educação gratuita e obrigatória até ao 12ºano, direito ao trabalho e à escolha de profissão sem discriminação, direito à saúde e à segurança social e o direito a uma habitação digna e acesso à terra. Todos estes direitos foram integrados na Constituição de 1976, que foi aprovada após a revolução.

O 25 de abril é celebrado anualmente em Portugal como feriado nacional e é lembrado como um marco importante na história do país. É uma data que celebra a luta por liberdade e democracia, que foi travada por uma geração de portugueses que acreditaram na mudança e na possibilidade de um futuro melhor para todos.

Afonso Coelho, nº1, 9ºC1

25 de ABRIL de 1974

Ainda me lembro como se fosse ontem... Mas para vos conseguir explicar tudo, vou recuar até à véspera, dia 24 de abril de 1974. Era uma quarta-feira normal, mas mal eu sabia que seria o último dia desta ditadura tão sofrida. Tinha acordado cedo, perto das 6:30 da manhã, pois o meu trabalho começava às 7:30. Mal o despertador tocou, levantei-me, tomei um duche rápido, pus o meu uniforme de trabalho (na altura trabalhava na construção civil), e tomei o meu pequeno-almoço, que era sempre o mesmo: uma reles cevada e um pão com manteiga. Logo de seguida, saí de casa. O Sol estava radiante, o que me impressionou. Fui de bicicleta, pois não tinha carro, naquela altura não era comum ver carros a toda a hora, como na atualidade. Os lugares por onde eu passava todos os dias para chegar ao trabalho eram magníficos! Espaços muitos verdejantes, cobertos de árvores frutíferas e flores de várias espécies. Também já se ouviam alguns pássaros, devido à chegada da primavera. Cheguei ao trabalho, perto das 7:25, como era habitual. Lembro-me de estar a construir um prédio com quatro andares ao lado do Quartel do Carmo, perto de onde eu vivia, em Lisboa. Tive um dia de trabalho normal. A obra já estava quase concluída, só precisava de uns retoques finais. Saí do trabalho às 16:30, mas todas as quartas-feiras eu e os meus colegas de trabalho íamos a um café que tinha lá perto e descontraíamos um pouco enquanto comíamos o que restava na sacola. Ficávamos sempre por volta de uma hora, e perto das 18:00 eu chegava a casa. Naquela tarde, como não tinha nada para fazer, fui para um dos jardins por onde costumava passar sempre. Era o meu favorito. Era enorme, coberto por várias árvores e plantas diversificadas, no centro, um lago chamava a atenção das crianças que brincavam por lá. Dei uma caminhada, de uma forma relaxada, tentando aproveitar cada segundo. A brisa do vento a bater-me na cara, o ruído da voz das crianças a brincar, o cheiro das flores, os pássaros a cantarolar em cima das árvores, o céu limpo e azul, parecia algo até surreal, de tão bom que era, num tempo em que tudo era controlado. O tempo passou, e era hora de ir para casa. Regressei por volta das 19:15 e comecei a preparar o meu jantar. Eu gostava de jantar cedo para poder descansar cedo, era um hábito meu.

Quando me sentei para comer, liguei o rádio para me pôr a par das notícias, mas acabei por adormecer. De repente, comecei a ouvir uma emissão diferente do normal e surgiu uma agitação anormal nas ruas. Fui ver as horas no meu relógio, e era de madrugada, o que me intrigou mais. Comecei a prestar mais atenção ao rádio para tentar perceber o que estava a acontecer. Estava a tocar uma música proíbida pelo estado, “Grândola Vila Morena”, não só na estação que eu estava a ouvir, mas em todas as estações de Portugal. Saí à rua, e deparei-me com as forças armadas, que se dirigiam para o Quartel do Carmo. Apareceram jipes, tanques de guerra, homens armados, e por aí em diante. Foi aí que finalmente percebi o que estava a acontecer: uma revolução contra o Estado Novo tinha acabado de começar. Comandados por Salgueiro Maia, capitão do exército português, instalaram-se à frente do quartel, onde se encontrava refugiado Marcelo Caetano, o presidente do Conselho de Ministros. De armas e tanques apontados, pouco demorou para se renderem. E foi assim que, finalmente, termenaram 41 anos de ditadura. Havia uma enorme felicidade de Norte a Sul de Portugal. Subitamente, enquanto os militares eram saudados, surge uma mulher, Celeste Martins Caeiro que trabalhava num restaurante e começa a colocar cravos nos canos das armas. Pelo que ouvi dizer, seriam para comemorar o 1º ano de abertura do restaurante, entregando um cravo a cada cliente, mas devido à revolução, o restaurante não abriu e ela, de forma surpreendente e astuta, distribuiu-os pelos militares. O cravo simbolizava a força, o amor, a paixão e a vitória de grandes lutas, tais como esta. E foi assim que no dia 25 de ABRIL de 1974, Portugal se tornou um país livre! Que assim seja, sempre!

Pedro Silva, 9ºB